
O LINGUAJAR GAÚCHO DE DANTE DE LAYTANO: UM ESPAÇO DE PRODUÇÃO LINGUÍSTICA NO RIO GRANDE DO SUL

The gaucho language of Dante de Laytano: a linguistic production

Juliane Tatsch¹

RESUMO: Este artigo apresenta-se como um recorte do trabalho da dissertação de Mestrado em Letras, na área de Estudos Linguísticos, que se encontra em andamento na Universidade Federal de Santa Maria/RS. Busca-se apresentar um estudo situado dentro da área da História das Ideias Linguísticas como forma de compreender o conhecimento linguístico produzido a partir dos primeiros registros escritos sobre o Linguajar do Gaúcho.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas; linguajar gaúcho; instrumento linguístico.

ABSTRACT: This article presents itself as a cut of the work of Master of Arts dissertation in the area of Linguistics, which is underway at the Federal University of Santa Maria. The aim is to present a study area located within the Linguistic History of Ideas as a way of understanding the linguistic knowledge produced from the first written records about the language of the Gaucho.

Keywords: Linguistic History of Ideas; gaucho language; language tools.

SITUANDO NOSSA LEITURA

No presente trabalho, nosso objetivo é desenvolver uma breve reflexão sobre o conhecimento produzido sobre o Linguajar Gaúcho dentro da perspectiva teórico metodológica da História das Ideias Linguísticas no Brasil (HIL). Segundo Guimarães (1996, p. 127), o estudo das ideias linguísticas no Brasil tem entre seus objetivos abordar a produção de tecnologias como dicionários e gramáticas que se fazem no Brasil desde o século XVI.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) ó RS. ju.liane12@hotmail.com

A História das Ideias Linguísticas no Brasil teve início por meio de uma colaboração entre a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade Paris 7, na França. Em Campinas, um grupo coordenado por Eni Orlandi, no interior de um projeto denominado "Discurso, Significação Brasileira", iniciado em 1987, já estudava os discursos sobre a língua no Brasil, considerando diversos materiais, dentre os quais, relatos de viajantes e missionários, gramáticas e outros artefatos elaborados pelos missionários, e também materiais de outra natureza concernentes a outras épocas. Dessa cooperação entre a equipe brasileira e a equipe francesa, coordenada por Sylvain Aurox, teve início o Projeto de História das Ideias Linguísticas no Brasil. De acordo com Orlandi (2002, p. 22), ao contarmos a história da língua e do conhecimento linguístico, estamos contribuindo para a compreensão da história mais geral de construção de nosso país, de nossa sociedade e do Estado que se vai constituindo.

Desse modo, ainda de acordo com Orlandi, a busca por esta forma de conhecimento é igualmente uma tomada de posição em relação à história do saber sobre a língua e da constituição da língua nacional no Brasil.

Sturza afirma que

[...] o processo de gramatização do português do Brasil, passado o período das anotações de diários e relatos de viagens, da incorporação de brasileirismos nas gramáticas portuguesas, concretiza-se com a autoria brasileira na produção de instrumentos linguísticos, quando se publicam Gramáticas, Dicionários e Vocabulários de autores brasileiros, no século XIX, logo após a Independência do Brasil (STURZA, 2006, p. 01).

E é neste movimento que se instaura no Rio Grande do Sul um processo de publicações de trabalhos vinculados a um contexto cultural e que se sustenta na busca de uma identidade regional.

O DISCURSO SOBRE A LÍNGUA NO RIO GRANDE DO SUL

A História das Ideias Linguísticas, inscrita em uma visão histórica das Ciências da Linguagem, concebe como instrumentos linguísticos as gramáticas, dicionários, manuais, normas etc. Diante disso, considera-se como objeto para a constituição desse estudo a obra *O linguajar do gaúcho brasileiro*, de Dante de Laytano, como fonte de registro dos primeiros estudos dialetológicos sobre o Linguajar Gaúcho. Através da pesquisa do falar do gaúcho

brasileiro, Laytano mostra o processo de gramatização da língua portuguesa no Brasil, especificamente pelo registro dos regionalismos gaúchos que utiliza nas diversas fontes que utiliza em seus estudos sobre a dialetologia. O regionalismo gaúcho vai se constituindo em um espaço de manifestação e produção cultural. Este espaço vai caracterizar-se por inaugurar um novo modo de dizer e significar o Rio Grande do Sul, especialmente pela língua (STURZA, 2006).

De acordo com Sturza (Ibid.), o tom regional é dado pela temática e pelo uso de expressões linguísticas peculiares, próprias do homem do campo. Mas o uso de regionalismos linguísticos também vai resultar em produtos de conhecimento linguístico. Tanto na produção literária como nos estudos linguísticos, pode-se afirmar que é no século XIX que se funda uma discursividade sobre o gaúcho, ainda que constituída no âmbito do regional.

Neste caso, a obra de Laytano é considerada como um discurso sobre o português do Rio Grande do Sul, pelo que podemos chamar de linguajar do gaúcho brasileiro. É uma produção constituída de conhecimento linguístico.

Com isto tem-se que, ao tratar as ideias linguísticas, tratamos a questão da língua, da produção de um conhecimento sobre ela, assim como da produção de instrumentos tecnológicos (gramáticas, dicionários) a ela ligados e sua relação com o povo que a fala (ORLANDI, 2002, p. 124).

A área do conhecimento denominada de ciências da linguagem, marca a perspectiva de se considerar os estudos da linguagem na diversidade em que eles se apresentam no tempo e no espaço. ÕSeja a linguagem humana, tal como ela se realizou na diversidade das línguas; saberes que se constituíram a seu respeito; este é nosso objetoö (AUROUX, 1992, p. 13). Assim, quando utilizamos o adjetivo linguístico, ele se refere a qualquer saber produzido sobre a linguagem na história.

Com isto, a definição de ciência da linguagem de Auroux é suficientemente ampla para abarcar a diversidade de saberes e seu modo de aparecimento no tempo e no espaço.

Resta dizer que tratamos da história das ideias linguísticas (e não só da história da linguística), pois além de tomarmos o ponto de vista interno ao próprio conhecimento sobre a linguagem e não, como o historiador, o ponto de vista externo, podemos estar atentos às formas que o saber linguístico tomou no Brasil ao longo de sua história, antes mesmo de se constituir na forma em que hoje se reconhece o que chamamos Linguística.

Isto permite alargar a reflexão para pensar a Linguística nas relações de conhecimento mais gerais e, particularmente, na da história das ideias (ORLANDI, 2002, p. 124).

Pela análise desses materiais que vão construindo instrumentos linguísticos desde os descobridores, até os jesuítas, os viajantes, podemos observar o processo que será explicitado a seguir sobre a constituição da língua praticada pelo sujeito gaúcho.

Para analisar como a discursividade sobre o Linguajar Gaúcho se funda pela publicação de um instrumento linguístico regional, no contexto da autoria brasileira, busca-se analisar neste breve estudo, como a obra de Dante de Laytano cumpre esse papel dentro da História das Ideias Linguísticas, apresentando, como expõe o próprio autor, um quadro da Língua Portuguesa falada no Rio Grande do Sul. É neste aspecto que se encontra a diferença da obra de Dante de Laytano, a especificidade da língua, a identificação do traço regional pela reunião de termos gauchescos empregados na fala popular ou na linguagem literária. Muitos estudados em sua etimologia e evolução semântica, apresentando as peculiaridades fonéticas, morfológicas e o emprego regional das expressões, pois o Linguajar Gaúcho constitui-se, segundo Sturza (2006), como a fala que identifica um tipo regional trazido do meio rural para ser valorizado, tornando-se um símbolo identitário de toda uma região, indistintamente, se urbano, se rural.

Sendo assim, não podemos deixar de enfatizar a questão metodológica e teórica que está norteando nossa leitura e abrindo para a possibilidade de mobilizarmos esse objeto. Conforme as palavras de Orlandi (2000):

[...] não se conta uma história sem se fazer recortes. Um cuidado importante com o efeito-leitor é o de fornecer-lhes a visibilidade dos instrumentos pelos quais estes recortes são feitos para que o leitor possa se situar.

Dante de Laytano é um conhecido historiador e homem de letras. Devotado estudioso e pesquisador dos usos, costumes e tradições gaúchas, bem como profundo conhecedor do idioma pátrio e de dialetologia, com especial dedicação ao linguajar do gaúcho brasileiro. Ao iniciar sua obra, já na introdução coloca que:

No propósito de servir culturalmente ao meu Rio Grande e ao Brasil, lanço este trabalho. Ele não dirá tudo. Não encerrará questões. As conclusões nem sempre serão definitivas, pois o campo da dialetologia e do regionalismo é vasto e complexo. A respeito do

Linguajar do Gaúcho Brasileiro, todos sabemos, muito ainda existe por investigar, confirmar, reformular, descobrir enfim (LAYTANO, 1981, p. 18).

Para sistematizar esta pesquisa sobre o falar do gaúcho brasileiro, Laytano reúne o que denomina de monografias, as quais transcreve dentro de sua obra para investigar o conhecimento que então começava a formar no campo da Linguística: *Rio Grande - vocabulário dos pescadores do Rio Grande do Sul; São Paulo ó notas de linguagem sul-rio-grandenses; Bahia ó os africanismos do dialeto gaúcho; Maceió ó pequeno esboço de um estudo do linguajar do gaúcho brasileiro; Rio de Janeiro ó vocabulários brasileiros; Porto Alegre ó os açorianismos do dialeto gaúcho; Recife ó Pereira Coruja*. A publicação destes vocabulários regionais posteriormente se tornaria referência para os estudos sobre a variedade linguística do português falado no Rio Grande do Sul.

Logo, apresenta um aspecto sobre as gramáticas portuguesas escritas no Brasil, com destaque para João Ribeiro e Antonio Álvares Pereira Coruja. Coloca os ãadagiários gaúchosõ como uma tentativa inicial de sistematização dos provérbios gauchescos. Salienta ainda, livros, artigos, crônicas e discursos que descrevem a vida do homem na estância. Expõe a publicação de algumas antologias referentes à literatura rio-grandense, trabalhos sobre o estudo da poesia popular e sobre a música regional gauchesca.

Segundo Sturza (2006), com o fim da Revolução Farroupilha na metade do século XIX, o cenário intelectual é efervescente, com publicações de trabalhos em diversas áreas. Nesta época, começam a surgir estudos sobre o vocabulário sul-rio-grandense com o objetivo de registrar o léxico do falar do gaúcho. O primeiro vocabulário surge, conforme Laytano (1981), com Antônio Álvares Pereira Coruja, em 1852, chamado *Coleção de Vocábulo e Frases Usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, com expressões e vocábulos usados pelos gaúchos. Afirma que o linguajar gaúcho recebeu influências espanholas e indígenas. Após a publicação deste vocabulário, mais três autores viriam a contribuir com os estudos sobre a variedade linguística do português gaúcho: J. Romaguera Corrêa (1898) ó *Vocabulário Sul-Rio-Grandense*, expondo que o falar do gaúcho constitui uma linguagem notável pelo cunho original e pitoresco que a distingue da empregada nos outros Estados do Brasil. Quanto às influências refere-se ao português arcaico, o rio-platense e os idiomas indígenas; Roque Callage (1926) ó *Vocabulário Gaúcho*, dividindo a procedência dos termos gauchescos em três partes: o português, o hispano-platino e o

aborígene. Julga a influência platina a maior de todas, dando-lhe uma porcentagem de 60% dos termos gaúchos, o que ocorreria pelas razões de fronteira; Luiz Carlos de Moraes (1935) ó **Vocabulário Sul-Rio-Grandense**, que alude, principalmente, aos seguintes fatores diferenciadores do linguajar gaúcho: isolamento geográfico do Rio Grande, dificuldades de comunicações e contato com as Repúblicas do Prata. Assinala três elementos formadores do vocabulário gaúcho: a língua portuguesa do século XVIII, a língua guarani das Missões e a língua castelhana.

Estes vocabulários nascem com a preocupação de registrar aspectos do Linguajar Gaúcho, tão distinto de outros Estados do Brasil. Em 1964, todos esses vocabulários são agrupados por Walter Spalding em um único volume. De acordo com Sturza (2006), õa reunião dos vocabulários sul-rio-grandenses, especialmente com o resgate do trabalho de Antônio Coruja, é, do ponto de vista da produção intelectual, um marco para a História das Ideias Linguísticas, sobretudo por sua importância no registro da lexicografia do vocabulário gaúcho. A partir da reunião destes estudos, tem início uma diversidade de pesquisas linguísticas sobre o dialeto e o modo de falar gaúcho que a autora denomina de *Discurso Fundador do Linguajar Gaúcho*. O falar, a fonética e a própria linguagem se submetem ao seu conteúdo regional através da reunião destes vocabulários que registram, de modo específico, aquilo que é heterogêneo na õmesma língua portuguesa falada nas diferentes regiões brasileiras, contemplando o universo lexical em uso nessa língua.

Segundo Sturza (2006), esses estudos têm por objetivo afirmar o regionalismo como espaço de pesquisa e reflexão, sendo a **Coletânea de Vocabulários Sul-Rio-Grandense**, de Antônio Coruja, uma obra de fundamental importância para esses estudos, na medida em que contribui para o que a autora chama de *instauração de uma discursividade sobre o português gaúcho*.

Considerado como uma referência no que diz respeito aos estudos regionalistas, **O Vocabulário Sul-Rio-Grandense** publicado por Walter Spalding em 1964 possui, assim como os demais vocabulários, uma preocupação em registrar os aspectos do Linguajar Gaúcho. Através destes estudos, conforme Sturza (2006), origina-se um discurso sobre a língua, que busca através das influências linguísticas do Linguajar Gaúcho caracterizar uma identidade e uma forma de expressar-se que identifica a cultura do Rio Grande do Sul e que constitui um discurso específico que assinala o tipo social do homem gaúcho e a língua por

ele utilizada, tornando-se um símbolo identitário de toda uma região. Do mesmo modo, os estudos linguísticos, na maneira como se institucionalizam e refletem sobre o ensino da língua, têm parte fundamental na produção dessa identidade de que estamos falando e que produzem, pela ciência e pela língua, o imaginário da sociedade nacional (ORLANDI, 2002, p. 17). Este aspecto linguístico, que trata da identidade linguística na constituição do Brasil, acabou sendo a base de um projeto mais amplo, que resultou na exploração articulada da história da língua e do saber produzido sobre ela (Ibid.).

Assim como os dicionários são instrumentos linguísticos, tal como define Auroux (1992), porque constituem uma tecnologia produzida pelo processo de gramatização² de uma língua, os vocabulários ó que são parte integrante de um dicionário - são produtos organizados de uma coleta lexicográfica específica, portanto um instrumento tecnológico, pois resultam da produção de um conhecimento linguístico, de uma coleta de variedades linguísticas, em que as definições buscam dar conta de preencher os sentidos significados em um dado momento histórico, neste caso, naquele em que se funda a discursividade do *õLinguajar Gaúchoö* (STURZA, 2006, p. 05)

Deste modo, os estudos linguísticos no Rio Grande do Sul nascem pela diversidade linguística, produzindo-se um saber metalinguístico regional, mas que é também parte do processo de gramatização da língua portuguesa do Brasil. Processo este que Laytano realiza através da coleta de variedades linguísticas (léxico) próprias da linguagem do gaúcho.

Sobre a importância da língua portuguesa, Laytano afirma que:

As variedades de seu falar que, em absoluto, mudaram, em algum tempo, a arquitetura do idioma, a visibilidade perfeita do texto, a fonética ou a semântica. As partes diferentes da gramática não foram sacrificadas ou afetadas pelo expressionismo local, regional ou geográfico (LAYTANO, 1981, p. 13).

Assim, no século em que predominou a colonização lusitana no Rio Grande do Sul, a língua portuguesa falada nesse estado sofreu diversas influências, das quais Laytano salienta as seguintes: a açoriana e a brasileira, a espanhola vinda pelo Rio da Prata, a indígena e a africana com a presença do elemento negro no português falado no Brasil, refletindo-se na geografia, fauna, flora, religião etc. Todos esses elementos tiveram importância e

² Processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário (AUROUX, 1992: p. 65).

contribuíram para a formação sócio-histórica do Estado do Rio Grande do Sul, refletindo-se inclusive no chamado linguajar gaúcho, constituindo, desta maneira, conforme Laytano (1981), ãa base inicial do tipo étnico da região sul do Brasilö.

Ao lado desses elementos, Laytano esclarece que os militares, vindos principalmente de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, representaram uma parcela decisiva na formação do povo sul-rio-grandense, deixando marcas importantes e definitivas, que se refletiram na progressiva formação da língua usada pelo homem gaúcho. Através destes elementos, além da respectiva contribuição à formação e às origens do linguajar do gaúcho, deve-se mencionar que contribuíram também para a constituição do tipo étnico que passaria a habitar o Rio Grande.

Ainda sobre a influência do castelhano na formação do vocabulário gaúcho, Laytano (1981, p. 138) afirma que esta foi causada ãoñã só por motivos históricos, mas também pelo entrelaçamento linguístico na região da fronteira e no frequente convívio com aqueles povos irmãosö.

Em relação ao século XIX, Laytano faz a seguinte observação sobre as influências linguísticas do ãLinguajar do Gaúchoö:

As influências cuidadosamente emparelhadas, mas a maior delas naturalmente evidenciada, que é a açoriana. É o que demonstra. Nega-se a mania do século passado em ampliar a contribuição espanhola que houve. Mas não tão grande, e sim em escala modesta (Ibid.).

Com influências dessa natureza e com o desejo de afirmação de uma identidade gaúcha brasileira³, o regionalismo gaúcho, de acordo com Sturza (2006), vai se constituindo em um espaço de manifestação e produção cultural. Sendo uma das características da literatura regionalista, o ãLinguajar Gaúchoö é a fala que identifica um tipo regional trazido do meio rural para ser valorizado, tornando-se um símbolo identitário de toda uma região, indistintamente, se urbano, se rural, e passando a veicular ideologias acerca do homem gaúcho.

Este linguajar vai resultar na produção de um conhecimento sobre a variedade linguística do português brasileiro, caracterizada pelo tom regional a ela agregada. Portanto, as referências encontradas na obra que se constituiu como recorte deste estudo nos mostram,

³ O gaúcho como tipo social de uma região não se restringe ao território brasileiro. Ele é considerado também como o típico homem do pampa argentino e uruguaio.

através da organização e sistematização das pesquisas sobre o linguajar do gaúcho, que este falar desenvolvido pelo homem gaúcho passa a constituir-se em uma linguagem diferente, que o distingue da linguagem empregada nos outros Estados do Brasil.

PARA FINALIZAR

Este trabalho propôs apresentar um recorte sobre o registro da produção linguística a respeito do Linguajar do Gaúcho, demonstrando o discurso sobre a língua na constituição da linguagem popular do gaúcho. Tem-se, então, a origem de uma produção de conhecimento linguístico a respeito do falar regional. Reconheceu-se que a produção de instrumentos linguísticos, neste caso o *Linguajar do Gaúcho Brasileiro*, afeta a língua na medida em que organiza um conhecimento e propõe uma nova perspectiva de pensar essa língua. Assim, a obra de Dante de Laytano rompe com a produção que até então havia sido feita na área da dialetologia regional e produz um conhecimento novo sobre a língua, a partir da organização dos espaços de produção linguística da época. Tem-se, então, a origem de uma produção de conhecimento linguístico a respeito do falar regional.

Desta maneira, podemos dizer que este linguajar caracteriza-se por inaugurar um novo modo de dizer e significar o Rio Grande do Sul, especialmente pela língua, resultando na produção de diferentes modos de dizer que foram constituindo uma outra materialidade linguística com seus diferentes discursos e diferentes modos de significar.

Diante disto, em relação à produção de manifestações linguísticas a partir da metade do século XIX, no Rio Grande do Sul, foi possível interpretar como se constituiu, neste espaço regional, uma discursividade sobre a língua portuguesa falada no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

GUMARÃES, Eduardo. Sinopse dos estudos do português no Brasil: a gramatização brasileira. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Puccinelli. (Orgs.) *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996.

LAYTANO, Dante de. *O linguajar do gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brades, 1981.

NUNES, José Horta. *Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas*. Letras, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107-124, jul./dez. 2008.

ORLANDI, Eni. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Um fato, um acontecimento, uma história: ideias linguísticas no Brasil. In: *Relatos*. Campinas, n. 06, 2000. Disponível em http://www.unicamp.br/iel/hil/publica/relatos_06.html. Acesso em 05 de julho de 2011.

STURZA, Eliana Rosa. *Vocabulário sul-rio-grandense: De Instrumento Linguístico à Constituição de um Discurso Fundador*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas: Pontes Editores, 2006. (Letras e Instrumentos Linguísticos, n. 18, p. 101-121, jul./dez.2006).

Recebido em 24 de junho de 2012.

Aceito em 9 de outubro de 2012.